

Por uma ADSE pública sustentável e capaz

Venho intervir sobre a Proposta de Resolução que considero um documento bem feito, adequado e equilibrado.

Para começar, socorro-me de um livro de M^a João Valente Rosa, publicado em 2012, intitulado “ O Envelhecimento da Sociedade Portuguesa”. Logo a pags 14, afirma a autora que *“Sempre discordei desta perspectiva que situa o processo de envelhecimento demográfico como uma causa dos principais males do presente, das piores ameaças com que se confronta a sociedade em que vivemos. É indubitável que as sociedades são confrontadas com problemas indesejáveis quando a população envelhece. Mas do facto de estas duas situações ocorrerem em paralelo não se pode deduzir que uma (envelhecimento populacional, no caso) seja a causa da outra (sociedade em risco).*

Nem mais. Estamos de acordo com esta discordância.

O desemprego, que é um problema indesejável, estará relacionado com as várias revoluções industriais. Mas não nos passa pela cabeça dizer que somos contra o progresso, contra a inovação e a tecnologia, assim, sem mais.

Isto é, as sociedades contemporâneas conhecem novas realidades e têm de organizar-se por forma a acomodarem essas realidades novas.

Claro está que a velhice não é sedutora, não tem o valor social da juventude.

E Portugal, como que de repente, viu-se um país com muitos velhos e poucos jovens. Viu-se perante um duplo envelhecimento, quase perante uma pirâmide etária de pernas para o ar. É aliás impressionante observar a evolução da pirâmide etária da população portuguesa: desde há décadas, assiste-se a um adelgaçamento das faixas etárias correspondentes às idades mais baixas e a um alongamento e alargamento das idades mais avançadas.

Voltando ao mesmo livro, ficamos a saber que, em Portugal, a idade média da população era, em 1950, de 26 anos, em 2000, de 38 anos e, em 2010, de 41 anos!

Este envelhecimento, que também caracteriza a população europeia e até a mundial, teve um ritmo marcadamente acelerado em Portugal, sobretudo a partir da década de oitenta do século passado, ajudado pela rapidez com que baixaram os níveis de mortalidade e de fecundidade.

Veja-se: de 1960 para cá (2012), o número de jovens diminuiu um milhão (passaram de 29% da população para 15%) e o número de idosos aumentou 1,3 milhões (eram 8% da população e passaram para 19%). O grupo dos 80 e mais anos tem vindo a reforçar o seu peso estatístico!

O ano 2000 marca mesmo uma viragem: pela primeira vez em Portugal o grupo dos idosos é numericamente superior ao grupo dos jovens.

O envelhecimento atinge todas as faixas etárias.

Ora a sociedade envelhece porque fomos capazes de nos desenvolver de modo a tornar isso possível. E, a menos que haja o apocalipse ou queiramos regredir e muito, a tendência de envelhecimento é um dado.

Então, que fazer?

Organizarmo-nos.

Desenvolver políticas atendendo a essa realidade.

Não foi isso que fizemos na sequência do *baby boom* post 2ª Guerra Mundial?

Não tivemos de construir creches, infantários, escolas?

Não tivemos de formar educadores e professores?

Não tivemos de criar abonos de família e outros apoios?

Eu sei que a velhice não tem o encanto da meninice.

Mas as coisas são o que são e não vão mudar tão depressa.

Portanto só nos resta organizarmo-nos e desenvolvermos as políticas necessárias.

A proposta de Resolução aponta nesse sentido e por isso votá-la-ei favoravelmente.

Mas gostaria de levantar uma questão relativa à ADSE.

Se é verdade que as despesas da ADSE estão a crescer a um ritmo superior ao das receitas, não podemos ignorar este facto. Nesse sentido gostaria de dizer que não estou disponível para acompanhar uma reivindicação com uma redacção idêntica ao texto do Relatório de Actividades, que, a pags 3/4, diz que se reivindicou *a consolidação da ADSE, a melhoria dos serviços prestados, a reposição do desconto para o valor de 1,5% e a sua aplicação somente sobre os doze meses da pensão base.*

Dou por isso o meu acordo ao texto da Comissão de Redacção. Isto para que a situação financeira da ADSE permita cumprir os propósitos que tem, sem rupturas nem sobressaltos.

Não me parece prudente enveredar por caminhos que não sabemos onde vão dar. Não temos idade para aventuras arriscadas. Já não somos jovens.

Não somos jovens mas não nos falta sabedoria, energia e paciência para tudo fazer para manter a ADSE pública, sustentável e capaz de participar como deve no apoio na doença aos trabalhadores do Estado.

Não vamos virar a cara a este combate. Como o não fizemos como professores, activistas e militantes cívicos, sindicais, políticos. Como o não fizemos quando nos empenhámos e tanto demos de nós para a construção de uma sociedade com níveis de desenvolvimento e de bem-estar mais elevados, de que todas as idades beneficiem.

Não vamos virar a cara a este combate. Porque este é um bom combate.